

Solução política do HBB é adiada

Secretário de Saúde e diretores discutem remanejamento de doentes

O secretário de Saúde, Laércio Valençá, afirmou, durante reunião com os diretores dos hospitais regionais, ontem pela manhã, que o Governo precisará de mais 15 dias para dar uma solução política à desativação do pronto-socorro do Hospital de Base. "Estamos conscientes que a desativação prejudicará alguma área, pois é difícil encontrar um sistema à altura do HBB para o atendimento dos casos graves de politraumatizados", disse. Para Valençá, as discussões de ontem serviram para aprofundar a complexidade dos problemas, mas nada ficou definido.

O maior obstáculo para o início das obras no pronto-socorro, que deverão começar dentro de 30 ou 60 dias, além do cumprimento das formalidades administrativas (licitações), é a transferência de recursos humanos, e de material permanente ou de consumo para o atendimento multidisciplinar (ortopedia, neurocirurgia e outros) feito aos casos graves. Na reunião, foi levantada a possibilidade de realizar este atendimento no próprio HBB, através da desativação do ambulatório, para conseguir espaço físico.

Outra alternativa seria o Hospital Regional da Asa Norte que, segundo seu diretor, Walter Salgado, não tem condições. "O que pode ser feito é desativar a ginecologia e a obstetrícia, transferindo-as para o Hospital da Asa Sul. Assim, poderíamos absorver a emergência da área cardiológica, além da pediátrica, que já estamos atendendo", explicou ele. Acrescentou que houve um aumento de 50 por cento na recepção de pacientes da clínica médi-

ca e ortopédica do HRAN. "Por enquanto, está tranquilo, mas, se continuar crescendo, vamos ter problemas".

No HRAS, já foram montados o sistema de cirurgia infantil e a clínica pediátrica para receber os casos de emergência, não só do HBB, mas de algumas satélites, como Ceilândia. Luís Torquato, diretor do hospital, revelou que a obstetrícia do HRAN será distribuída entre o Presidente Médici e o próprio HRAS. "Decidimos isso hoje (ontem). Assim, não haverá sobrecarga".

Tanto para o diretor do HRAS, como para o do HRAN, os casos graves de politraumatizados deveriam ir para o Sarah Kubitschek, segundo eles, um hospital ocioso e, ao mesmo tempo, com a melhor infra-estrutura. "Não tem condições de continuar esta situação. O Sarah tem que absorver esse pessoal. Lá, existe o melhor equipamento da cidade para estes casos", disse Torquato. Para ele, o Hospital das Forças Armadas também deveria ser mobilizado.

— As obras do HBB são de absoluta necessidade — reafirmou o secretário de Saúde. Para ele, o equacionamento na distribuição de pacientes acabará sendo resolvido. "Transferir as clínicas como a neurologia e neurocirurgia não é o maior problema. O que é mais difícil, para nós, é o agrupamento de todas as clínicas que atendem os politraumatizados num lugar só", afirma. Outra dificuldade será a longa duração das obras no HBB que, depois de iniciadas, levarão de seis meses a um ano para serem concluídas.